

Historia:

Espaços,
poder,
cultura e
sociedade

3



William Roslindo Paranhos
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2022

Historia:

Espaços,
poder,
cultura e
sociedade

3



William Roslindo Paranhos
(Organizador)

Atena
Editora
Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^o Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^o Dr^a Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^o Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^o Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^o Dr^a Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^o Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^o Dr^a Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^o Dr^a Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^o Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^o Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^o Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^o Dr^a Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



História: espaços, poder, cultura e sociedade 3

Diagramação: Daphynny Pamplona
Correção: Maiara Ferreira
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: William Roslindo Paranhos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

H673 História: espaços, poder, cultura e sociedade 3 /
Organizador William Roslindo Paranhos. – Ponta
Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0038-7

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.387222503>

1. História. 2. Sociedade. I. Paranhos, William Roslindo
(Organizador). II. Título.

CDD 901

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

A obra “História: Espaços, poder, cultura e sociedade 3” propõe uma discussão científica, partindo de uma perspectiva interdisciplinar, em torno da análise de processos históricos da humanidade, por intermédio de trabalhos diversos que compõem seus onze capítulos. O volume abordará, de maneira categorizada, textos acadêmicos que se caminham através de vários séculos, discutindo dispositivos que serviram, e ainda servem, como reguladores, normatizadores ou, até mesmo, como potencializadores do cenário social.

A riqueza desta publicação consiste, sobretudo, na interdisciplinaridade que, a todo instante, é valorizada nas produções, à começar pela pluralidade de campos do conhecimento que debatem, convergem e divergem acerca de conceitos teóricos e empíricos, pela representatividade de instituições de ensino e pesquisa de renome no país, por conta das diversas abordagens e metodologias utilizadas e, por fim, em virtude de escopos bastantes distintos, mas que buscam, em sua essência, investigar fenômenos sociais bastante próximos.

Por mais que o termo “história” nos leve, teimosamente, a pensar e refletir, tão somente, acerca de acontecimentos do passado, este livro nos convida a aprofundar nossa capacidade dialética e possibilitar que conceitos tidos como ortodoxos se tornem contemporâneos o bastante a fim de instrumentalizarem nossas análises e discussões sobre os tempos modernos. É o exercício de olhar para o passado, considerá-lo e criar, a partir dele, uma analogia com o contexto atual. As pessoas autoras provam que isso é possível, e eu diria, também, necessário.

Outro ponto bastante importante de ser destacado e valorizado neste volume é sua proposta em criar um repositório de conhecimento onde as pessoas que fazem a academia existir e ser o que é, possam realizar buscas, pesquisas, constatações, aproximações, enfim, tudo aquilo que as permita construir o preceito básico, ou ao menos o que deveria ser, de toda sociedade moderna: a construção da consciência crítica.

Deste modo, “História: Espaços, poder, cultura e sociedade 3” apresenta uma teoria bem fundamentada acerca de resultados alcançados no processo de pesquisa por pessoas docentes e acadêmicas, que desenvolveram seus trabalhos a fim de contribuir com o avanço das ciências e os quais serão aqui apresentados. Sabemos da importância, cada vez mais urgente, de se valorizar a atividade científica e, por tal razão, é que também destacamos o valoroso da Atena Editora que, por meio de seu renome no campo editorial, é capaz de oferecer uma plataforma consolidada, a fim de que essas pessoas possam expor e divulgar seus trabalhos, conquistando seu merecido reconhecimento.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

SAPATEIRO PERDE PARA A SAPATÃO”: REPRESENTAÇÕES E RESISTÊNCIAS NA IMPRENSA PARAENSE (1980-1990)


Júlio Ferro Silva da Cunha Nascimento

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3872225031>

CAPÍTULO 2..... 10

A FIGURA FEMININA NAS PRIMEIRAS RODAS DE SAMBA: UMA PESQUISA SOBRE OS ESTUDOS PRODUZIDOS SOBRE O SAMBA NO SÉCULO XX


Ana Vitória Campos Pompeu e Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3872225032>

CAPÍTULO 3..... 19

OLHARES PARA O OPRIMIDO: VARIAÇÕES DA PINTURA SOCIAL MODERNA NO BRASIL


Luciana de Fátima Marinho Evangelista

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3872225033>

CAPÍTULO 4..... 29

O PAPEL DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NO ENSINO DA ARTE PERANTE A DIVERSIDADE CULTURAL

Ismeinem Vieira de Faria Araújo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3872225034>

CAPÍTULO 5..... 43

CONTRUÇÕES HUMANAS: COMPREENDENDO OS CONCEITOS DE RELIGIÃO E CULTURA NAS PROSPECTIVAS DAS INTOLERANCIAS PERPETUADAS EM FACE DAS RELIGIÕES DE MATRIZES AFRO-BRASILEIRAS


Elisaura de Fátima Martins Carrijo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3872225035>

CAPÍTULO 6..... 53

O ENSINO DA HISTÓRIA E DA CULTURA AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA: ESTRATÉGIAS PARA UMA EDUCAÇÃO DAS RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E SUPERAÇÃO DO RACISMO


Sebastião de Assis Ribeiro





 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3872225036>

CAPÍTULO 7..... 65

HETEROGESTÃO E AUTOGESTÃO: UM ESTUDO SOBRE OS PROJETOS SOCIOEDUCACIONAIS DE ALIENAÇÃO *VERSUS* EMANCIPAÇÃO - UMA ÓTICA ANARQUISTA

Luana Aparecida Moraes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3872225037>

CAPÍTULO 8	78
O MATRIMÔNIO NO <i>FUERO REAL</i> DE ALFONSO X, O SÁBIO	
Eliezer dos Santos	
Jaime Estevão dos Reis	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3872225038	
CAPÍTULO 9	90
POR UMA VIDA DEVOTA: <i>FILOTEIA</i> (1609), DE SÃO FRANCISCO DE SALES, NO CONTEXTO DA REFORMA CATÓLICA	
Giovana Eloá Mantovani Mulza	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.3872225039	
CAPÍTULO 10	100
A CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA PORTUGUESA DE 1911	
Sofia Vicente Vagarinho	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.38722250310	
CAPÍTULO 11	110
A GUERRA FRIA E OS MOVIMENTOS CIVIS: O MACARTHISMO E O MEDO COMUNISTA	
Augusto Machado Rocha	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.38722250311	
SOBRE O ORGANIZADOR	121
ÍNDICE REMISSIVO	122

CAPÍTULO 9

POR UMA VIDA DEVOTA: *FILOTEIA* (1609), DE SÃO FRANCISCO DE SALES, NO CONTEXTO DA REFORMA CATÓLICA

Data de aceite: 01/02/2022

Data de Submissão: 02/01/2022

Giovana Eloá Mantovani Mulza

Universidade Estadual de Maringá
Maringá - Paraná

<http://lattes.cnpq.br/7065371321256473>

RESUMO: Os séculos XVI e XVII comportam diversas transformações no Ocidente europeu, sobretudo no que tange à vida religiosa. Concomitante aos concílios ecumênicos e às bulas papais, verificam-se as Reformas protestantes e a reforma católica, eventos que atingem a religiosidade da grande comunidade europeia. É nesse contexto de fragmentação do mundo cristão que o teólogo São Francisco de Sales produz *Filoteia*, literatura cristã que constitui em um verdadeiro manual para a vida devota. Nosso trabalho objetiva realizar uma análise das primeira e quarta partes de *Filoteia*, a qual conta com uma contextualização das Reformas protestantes e da reforma católica. Não objetivamos sanar os debates acerca da temática, mas instigar a produção de novos trabalhos.

PALAVRAS-CHAVE: Reforma católica; *Filoteia*; Séculos XVI e XVII.

FOR A DEVOUT LIFE: *FILOTEIA* (1609), BY ST. FRANCIS DE SALES, IN THE CONTEXT OF THE CATHOLIC REFORMATION

ABSTRACT: The sixteenth and seventeenth centuries have undergone several transformations in the European West, especially with regard to religious life. Concomitant with ecumenical councils and papal bulls are Protestant Reforms and Catholic Reform, events that affect the religiosity of the great European community. It is in this context of fragmentation of the Christian world that the theologian St. Francis de Sales produces *Filoteia*, Christian literature that constitutes a true manual for devout life. Our work aims to carry out an analysis of the first and fourth parts of *Filoteia*, which has a contextualization of Protestant Reforms and Catholic reform. We do not aim to heal debates about the subject, but instigate the production of new works.

KEYWORDS: Catholic reform; *Filoteia*; Sixteenth and seventeenth centuries.

1 | INTRODUÇÃO

Neste trabalho, fruto de uma iniciação científica desenvolvida por nós, temos o intuito de problematizar as primeira e quarta partes da obra *Filoteia* (1609) – literatura cristã produzida pelo teólogo francês São Francisco de Sales (1567-1622). Enquanto pesquisadores da História das Ideias Religiosas, propomo-nos a analisar *Filoteia* em seu contexto de produção, a fim de compreender os fenômenos religiosos

da França dos séculos XVI e XVII que instigariam e permitiriam sua publicação. Grandes contribuições foram obtidas do livro *História da Reforma*, de Carter Lindberg (2017) – obra historiográfica monumental publicada em comemoração ao quinto centenário da reforma luterana.

O estudo da Reforma e da Reforma Católica conta com poucas obras provenientes da academia brasileira. A timidez, em parte, se deve à atratividade com que os temas bélicos e genocidas auferem no horizonte historiográfico nacional. As prateleiras de História das livrarias do país comportam uma ampla literatura acerca das guerras do século XX, secundarizando, dessa forma, os estudos atinentes aos séculos XVI e XVII. Por outro lado, tornou-se comum argumentar que os fenômenos religiosos da Europa Ocidental já possuem uma vasta e consolidada produção, proveniente dos trabalhos de Lucien Febvre (2009) e Marc Bloch (2018). De fato, muito já se escreveu sobre as reformas, embora novas fontes devam ser contempladas para o aprofundamento da temática. É sob tal intento que se insere nosso trabalho.

Filoteia consiste em um manual para a vida devota, originalmente publicado no francês vernáculo em 1609. Ao adentrarmos em sua leitura, percebemos rapidamente que São Francisco de Sales atua como um guia espiritual para *Filoteia*, figura que representa a alma que ama a Deus. Falar sobre *Filoteia* corresponde a um trabalho difícil, visto o texto ser pouco citado pelas obras disponíveis em língua portuguesa e espanhola. Há uma grande lacuna quando o assunto é a literatura cristã da Reforma Católica. Adentremos, portanto, nesse vácuo historiográfico, não tanto para preenche-lo, mas sim para conferir visibilidade à temática e suplicar à academia brasileira que se atente ao assunto.

Em conformidade com o contextualismo proposto pela metodologia da Escola de Cambridge, convém suscitar a conjuntura religiosa que açambarcou *Filoteia*. As Reformas Luterana e Calvinista foram movimentos eminentemente teológicos, causadas por preocupações doutrinárias (BARRETT, 2017).

Inúmeros historiadores têm feito grandes esforços para explicar a Reforma por meio de causas sociais, políticas e econômicas. Sem dúvida, cada uma delas desempenhou um papel durante a Reforma – em alguns casos, um papel significativo. No entanto, mais fundamentalmente, a Reforma foi um movimento teológico, causada por preocupações doutrinárias. Embora fatores políticos, sociais e econômicos sejam importantes, observa Timothy George, “é preciso reconhecer que a Reforma foi essencialmente um evento religioso; suas preocupações mais profundas, teológicas”. (BARRETT, 2017, p. 42).

A singularidade da Reforma repousara na defesa da restauração do próprio evangelho. O retorno à palavra de Deus fora seu motor propulsor, instaurando o princípio da *sola Scriptura*. Seria essa característica que distinguiria a Reforma dos movimentos religiosos anteriores. De fato, a Reforma Protestante se iniciou como uma disputa teológica a respeito da natureza e da recepção da graça divina.

A teologia do final da era medieval foi caracterizada por duas grandes áreas

de discussão, as quais influenciaram a Reforma Protestante. A primeira delas foi o debate sobre a natureza e a recepção da graça divina. Pedro Lombardo desenvolveu o esquema de sete sacramentos, pelos quais a graça salvadora era medida pela igreja pelos seus membros. Destes, dois (a penitência e a eucaristia) deviam ser repetidos com frequência, mas mesmo assim, muitas pessoas morriam com o fardo de pecados não perdoados, dos quais teriam de se livrar no purgatório. Era possível diminuir essa punição com a compra de indulgências, colocadas à venda pela igreja. Os cristãos poderiam obter graça por seus próprios méritos e receber os sacramentos que a conferiam – isso era o mais próximo que um cristão poderia chegar da segurança de sua salvação. Por trás desse esquema sacramental, havia uma hierarquia de autoridade, o segundo maior debate do final da era medieval. A igreja alegava que essa autoridade era derivada de Deus e que tinha sido dada à igreja. Na prática, essa autoridade era exercida pelo papa e pelos bispos, mas havia um debate sobre se o papa poderia agir por conta própria ou tinha de seguir os ditames dos concílios da igreja. [...] A Bíblia era uma fonte de autoridade, mas era interpretada pela hierarquia da igreja e complementada por cânones e decretos adicionais que formaram uma “tradição” extra bíblica. Alguns comentaristas notaram como a igreja tinha sido corrompida pelo uso e abuso desse sistema, e defenderam o princípio da *sola Scriptura* (somente a Escritura) como o fundamento da autoridade da igreja. Os reformadores protestantes apegaram-se a isso, muitas vezes inconscientemente, e, rejeitando as alegações da tradição não bíblica, procuraram estabelecer a Igreja sobre o fundamento que consideravam como sua base: apenas a Escritura. (BRAY, 2017, p. 63).

Lutero descartou a visão tradicional da Igreja como uma hierarquia sagrada e chefiada pelo papa, retornando à visão cristã primitiva de uma comunidade de cristãos em que todos são sacerdotes chamados a oferecer sacrifícios espirituais a Deus. Em seu terceiro panfleto, *Da liberdade cristã*, publicado em 1520, Lutero definiu – em tom conciliatório, porém firme – sua visão sobre a conduta cristã e a salvação, fornecendo provavelmente a melhor introdução disponível às suas ideias centrais. Ele não desencorajava as boas obras, mas alegava que a liberdade espiritual interior proveniente da certeza encontrada na fé conduz à realização de boas obras por todos os cristãos verdadeiros. “As boas obras não fazem um homem bom”, declarou, “mas um homem bom faz boas obras”. (SHELLEY, 2018, p. 265).

Considerar a Reforma como um movimento homogêneo constitui em um erro. Tornar-se-á correto falar em *reformas* protestantes, devido a pluralidade dos fenômenos religiosos que acometeram a Europa. Os pensamentos de Calvino e Lutero exerceram ampla influência na França quinhentista e seiscentista, instigando inclusive o desencadeamento de guerras religiosas (LINDBERG, 2017). Pensar a Reforma na França demanda que reconheçamos a violência com que a questão religiosa ali assumiu, visto que as perseguições eram empreendidas pela Coroa e pelo povo católico. Assim, “A história da Reforma na França é manchada por violência incrível e saturada com o sangue de milhares de mártires.” (LINDBERG, 2017, p. 311). De fato, a Igreja reformada francesa estava sob a cruz.

Segundo Lindberg (2017), até o decênio de 1520, reformadores e humanistas favoráveis à Reforma permaneciam protegidos na França pelo rei Francisco I – monarca

atraído pelo movimento renascentista. De fato, “Que ideias reformadas estavam em circulação na França é evidente na disseminação, por volta de 1519, de uma coleção de escritos em latim de Lutero, impressos por Johann Froben, de Basileia.” (LINDBERG, 2017, p. 312). O círculo humanista na cidade francesa de Meaux desempenhou um importante papel na disseminação dos ideais luteranos. Reformadores como Guillaume Briçonnet (1470-1534) e Jacques Lefèvre d’Etaples (1450-1536) compunham esse círculo e seriam capitais para a renovação dos estudos bíblicos. Todavia, “Durante o cativeiro do rei após a batalha de Pavia (1525), o parlamento parisiense se posicionou rapidamente, acusando o grupo Meaux de heresia. Muitos desses evangélicos fugiram do país.” (LINDBERG, 2017, p. 313). A ação de Francisco I aos evangélicos oscilava entre a perseguição e moderação. Afinal, a monarquia francesa era uma instituição eminentemente católica.

O poder e o prestígio dos reis franceses estavam enraizados fortemente nas cerimônias e nos rituais católicos. Ungidos com óleo especial e recebendo pão e vinho na ceia da coroação, monarcas aumentavam sua reivindicação ao trono por direito divino ao assumir poderes sacerdotais. Igreja e Coroa se beneficiavam de uma aliança próxima. Reis franceses faziam, em sua coroação, um juramento de proteger a fé e expulsar os hereges (DIEFENDORF, 2004, p. 150 apud LINDBERG, 2017, p. 314).

Distintamente do que fora preconizado na Alemanha e na Suíça – onde o curso da reforma fora apoiado pelas autoridades civis – os movimentos de reforma tinham que levar uma vida mascarada na França. A intolerância religiosa fora um fenômeno hegemônico. Além do anticlericalismo, as críticas ao catolicismo vinculavam-se à doutrina da justificação pela fé – *sola fide*. O número de mártires calvinistas maximizou-se a partir da década de 1530. À medida que as divisões religiosas na França se radicalizavam, a execução de hereges diminuía. Assim, “O ‘câncer’ social estava, agora, difundido demais para ser exercitado pela morte de indivíduos [...]. Por volta do fim da década de 1550, a aceitação huguenote do martírio estava sendo substituído pela resistência – algo que levaria a guerras religiosas.” (LINDBERG, 2017, p. 317-318). As perseguições seriam acentuadas no decurso do reinado de Henrique II (1547-1559), filho de Francisco I. De fato, “Henrique promulgou decretos punindo severamente práticas hereges, como comer carne durante a quaresma ou frequentar assembleias proibidas. O rei também instituiu uma corte especial para os casos de heresia” (LINDBERG, 2017, p. 319).

Por volta de 1567, Genebra tinha enviado ao menos 120 pastores à França para organizar congregações, as quais, por causa da perseguição, geralmente viviam na clandestinidade. Contudo, a Igreja Reformada se espalhou rapidamente pela França e, em algumas regiões, começou a realizar cultos públicos [...]. Uma das chaves para esse sucesso foi o gênio organizacional emprestado da Igreja de Genebra, liderada por Calvino. O primeiro sínodo nacional da Igreja Reformada francesa reuniu-se na cidade de Paris, em 1559, e estabeleceu uma confissão de fé, a confissão gaulesa, cuja primeira versão foi redigida por Calvino. [...] Uma forma modificada dessa confissão de fé, contendo 40 artigos e ratificada, em 1571, no sínodo de La Rochelle,

continua a servir a Igreja Reformada francesa até hoje. Por volta de 1561, o sínodo nacional da França representava mais de duas mil congregações. (LINDBERG, 2017, p. 319).

Em 1561, com o esforço de pacificar as terras francesas, Catarina de Médice convocou um debate público entre protestantes e católicos. De fato, “O Colóquio de Poissy, projetado por Michel de l’Hôpital – cujo propósito principal era a unidade da França – reuniu-se de setembro a outubro de 1561.” (LINDBERG, 2017, p. 324). O Colóquio consistira em um importante reconhecimento da realidade e do crescimento do protestantismo por parte da monarquia francesa. A esperança era que um intercâmbio de ideias teológicas entre representantes católicos e huguenotes pudesse preservar a paz na Igreja gaulesa. Segundo declarou l’Hôpital, o colóquio não era um lugar de julgamento, mas de diálogo. No entanto, “O Colóquio de Poissy falhou em criar acomodação religiosa, mas não deixou de preparar o caminho para o primeiro Editto de Tolerância (janeiro de 1562), o qual previa certa medida de liberdade aos huguenotes.” (LINDBERG, 2017, p. 326).

Um mês após o editto, porém, a monarquia pendeu para o catolicismo, mudando a situação dos calvinistas. Assim, “Recursos políticos e militares dos huguenotes não eram suficientes para levar a França ao protestantismo, mas fortes o bastante para assegurar a existência do grupo como uma minoria rebelde. Sob essas condições, uma guerra civil era inevitável.” (LINDBERG, 2017, p. 326). Trinta anos de guerras seriam inaugurados com o massacre de Vassy, em março de 1562, no qual um grupo de homens católicos atacou uma congregação calvinista. A guerra tornou-se endêmica na França. Para Lindberg (2017), o mais infame acontecimento de toda essa carnificina fora o massacre da noite de São Bartolomeu, ocorrido em 24 de agosto de 1572.

Concomitante à explanação do protestantismo pela Europa, se verificou o crescimento de um movimento de reforma liderado pela Igreja Católica. A renovação e a reforma da Igreja tornaram-se tópicos que não podiam ser mais ignorados e secundarizados. Neste ponto, torna-se importante lembrar as distinções entre as expressões “reforma católica” e “Contrarreforma”. Como suscita Lindberg (2017, p. 379), o movimento de renovação católica não foi apenas uma reação à Reforma – uma Contrarreforma. Afinal, mesmo antes de Lutero, já existiam críticas à Igreja. A renovação pessoal era chave para a reforma e a renovação da Igreja Católica, antes e depois de Lutero. Enquanto Lutero ratificava a necessidade de uma reforma teológica, os reformadores católicos defendiam uma reformação ética. Assim, “Reformadores católicos, incluindo jesuítas, estavam convencidos ‘de que o meio principal da cura da divisão religiosa era instilar nos católicos o desejo por uma vida mais devota’.” (LINDBERG, 2017, p. 380). Neste ponto, compete-nos retomar *Filoteia*, uma verdadeira introdução à vida devota.

Filoteia insere-se no movimento de reforma católica justamente por instigar a devoção de seus leitores. Caridade e devoção: eis as máximas expostas por São Francisco de Sales no decurso das primeira e quarta partes do texto, as quais serão alvo de nossa

análise.

2 | FILOTEIA: UMA ANÁLISE

Não consideraremos São Francisco de Sales como um mero “missionário alegre e imaginativo em meio aos calvinistas”, como o fez Bruce L. Shelley (2018, p. 295). Decerto, os huguenotes desempenhavam um importante papel aquando da produção de *Filoteia*, mas o conteúdo de seu texto não pode ser racionalmente julgado como imaginativo – atribuição sem fundamento e ahistórica. Afinal, toda obra possui um papel em sua conjuntura de produção. *Filoteia* não transcende esse princípio: São Francisco de Sales objetivava instruir os católicos a uma vida devota, mostrando um caminho institucional para a salvação como alternativa ao calvinismo. Era um período de disputa de poderes discursivos, um conflito de ideias e livros, que se manifestava no plano secular.

O pensamento salesiano centra-se na definição e discussão de uma vida devota, objetivando instruir o fiel para a graça e a devoção. Segundo o Santo, a devoção consiste em uma virtude sumamente agradável à Majestade divina (SALES, 2017, p. 25). Distintamente das devoções vãs e supersticiosas – tal qual as crenças heréticas e o próprio protestantismo – a verdadeira devoção “pressupõe o amor de Deus, ou, melhor, ela mesma é o mais perfeito amor a Deus.” (SALES, 2017, p. 26). Uma vida devota consiste em uma etapa fundamental para a salvação da alma. Afinal, seriam pelas obras de graça e de devoção que o indivíduo agradaria a Deus e, assim, alcançaria a eternidade.

Os avestruzes têm asas, mas nunca se elevam acima da terra. As galinhas voam, mas têm um voo pesado e o levantam raras vezes e a pouca altura. O voo das águias, das pombas, das andorinhas é veloz e alto e quase contínuo. De modo semelhante, os pecadores são homens terrenos e vão se arrastando de contínuo à flor da terra. Os justos, que são ainda imperfeitos, elevam-se para o céu pelas obras, mas fazem-no lenta e raramente, com uma espécie de peso no coração. São só as almas possuidoras de uma devoção sólida que, à semelhança das águias e das pombas, exalçam-se a Deus por um voo vivo, sublime e, por assim dizer, incansável. Numa palavra, a devoção não é nada mais do que uma agilidade e viveza espiritual, da qual ou a caridade opera em nós, ou nós mesmos, levados pela caridade, operamos todo o bem de que somos capazes. (SALES, 2017, p. 26-27).

Praticar o bem e seguir os mandamentos de Deus são os principais caminhos para uma vida devota destinada à salvação. Observemos que a doutrina católica de salvação pelas obras – objeto das críticas de Lutero – continua a ser corroborada pelo pensamento oficial e institucional. A vida devota contém amplos benefícios aos fiéis, sobretudo suavidade e apazibilidade. Ao invés de sofrerem com as penitências e mortificações, os devotos são consolados por Deus.

Vê o mundo que as pessoas devotas jejuam, rezam, sofrem com as penitências e injúrias que lhes fazem, cuidam dos enfermos, dão esmolas, guardam longas vigílias, reprimem os ímpetos da cólera, detêm a violência de suas

paixões, renunciam aos prazeres sensuais e fazem tantas outras coisas que são de si custosas e contrárias a nossa natureza [...]. Na verdade, a devoção sazona todas as coisas com uma afabilidade extrema; atenua o amargor das mortificações; preserva o pesar dos pobres; consola os oprimidos; humilha o orgulho na prosperidade; soleva o enjoo da solidão; torna recolhidos os que andam a lidar com o mundo; é para nossas almas o que o fogo é no inverno e o orvalho no verão; faz-nos moderados na abundância e pacientes no sofrimento e pobreza; enfrenta com a mesma disposição o prazer e a dor, e inunda nossa alma de uma admirável suavidade. (SALES, 2017, p. 28-29).

Para São Francisco de Sales, o indivíduo deve sempre aspirar à perfeição. E para tal, o teólogo recomenda à Filoteia que “se tens uma vontade sincera de entrar nas veredas da devoção, procura um guia sábio e prático que te conduza. Esta é a advertência mais necessária e importante.” (SALES, 2017, p. 33). Possuir um amigo fiel e, portanto, um guia, tornar-se-ia determinante para que Filoteia siga o caminho da devoção e possa futuramente obter a salvação divina. A devoção não consiste em uma prática solitária, mas pressupõe o auxílio do diretor espiritual. Somente os homens que temem a Deus seriam capazes de encontra-lo.

Trata-se aqui principalmente da imortalidade da vida futura; e, se a quisermos alcançar, convém ter um amigo fiel ao nosso lado, que dirija nossas ações com uma mão segura, através das ciladas e embustes do inimigo. Ele será para nós um tesouro de sabedoria para evitar o mal e praticar o bem de uma maneira mais perfeita; ele nos dará conforto para aliviar-nos em nossas quedas e nos dará o remédio mais necessário para a cura perfeita de nossas enfermidades espirituais. Mas quem achará um tal amigo? Diz o sábio que é *aquele que teme a Deus*, isto é, o homem humilde que anseia com ardor o seu adiantamento espiritual. Se é, pois, tão importante, Filoteia, ter um guia experimentado nos caminhos da devoção, pede com todo o fervor a Deus que te mande um segundo seu coração e não duvides nem um instante que Ele te enviará um diretor sábio e fiel, ainda que fosse um anjo do céu (SALES, 2017, p. 34).

Purificar a alma também consiste em um passo inicial para promover uma vida devota. Para o teólogo francês, os maus humores corrompidos devem ser combatidos, fazendo alusão à medicina hipocrático-galênica. De fato, “A cura da alma, Filoteia, assemelha-se à do corpo; é vagarosa, vai progredindo gradualmente, aos poucos, com muito custo e intervalos; mas neste seu passo lento ela é tanto mais segura.” (SALES, 2017, p. 36). A pressa é inimiga da perfeição. Paciência e coragem são recomendações de São Francisco de Sales para o processo de purificação da alma. Assim, “A alma que surge do pecado para uma vida devota pode-se comparar ao despontar do dia, que não dissipa as trevas num instante, mas pouco a pouco, quase imperceptivelmente.” (SALES, 2017, p. 37). E mais: “É, pois, sumamente consoladora e feliz a nossa condição nesta milícia espiritual: podemos vencer sempre, uma vez que queiramos combater.” (SALES, 2017, p. 38).

A purificação do coração deve contar primeiramente com o ato de libertar-se do pecado, e o meio de fazê-lo se encontra no sacramento da penitência. De fato, uma

vida devota pressupõe confissões constantes e, portanto, evoca uma dependência sob os clérigos católicos. Assim, a devoção está associada ao catolicismo romano, e não ao protestantismo ou às heresias. É de dessa forma que compreendemos o vínculo entre o pensamento salesiano com o movimento da reforma católica. Para atingir a purificação da alma e, portanto, auferir uma vida devota, São Francisco de Sales suscita um conjunto de meditações “cujo exercício destruirá, com graça de Deus, em teu coração, todo o pecado até as raízes.” (SALES, 2017, p. 44). As meditações contribuem, com a confissão, para uma vida devota e livre do pecado. Suscitam o cunho finito e decaído da natureza humana, bem como a onipotência de Deus.

Consideração

1. Considera que se passaram tantos e tantos anos antes que viesses ao mundo, sendo teu ser um puro nada. Onde estávamos nós, minha alma, durante este tempo? O mundo já existia desde uma longa série de séculos e nada havia de tudo aquilo nós somos.
2. Pensa que Deus te tirou do nada para fazer o que és, sem que tu lhes fosse necessária, mas unicamente por sua bondade.
3. Forma uma ideia elevada do ser que Deus te deu, porque é o primeiro e mais perfeito de todos os seres deste mundo visível, criado para uma vida e felicidades eternas e capaz de unir-se perfeitamente à Majestade divina. (SALES, 2017, p. 45).

Consideração

1. Não foi por nenhum motivo de interesse que Deus nos criou, pois nós lhes somos absolutamente inúteis; foi unicamente para nos fazer bem, facultando-nos, com sua graça, participar de sua glória; e foi por isso, Filoteia, que ele te deu tudo o que tens: o entendimento, para o conheceres e o adorares; a memória, para te lembrares dele; a vontade, para o amares; a imaginação, para te representares os seus benefícios; os olhos, para admirares as suas obras; a língua, para o louvares, e assim as demais potências e facultades.
2. Sendo esta a intenção que Deus teve, em te criando, com certeza debes abominar e evitar todas as ações que são contrárias a este fim; e quanto àquelas que não te conduzem a Ele, tu as deve desprezar, como vãs e supérflua.
3. Considera quão grande é a infelicidade do mundo, que nunca pensa nessas coisas; a infelicidade, digo, dos homens que vivem por aí, como se estivessem persuadidos de que seu fim neste mundo é edificar casas, construir jardins deliciosos, acumular riquezas sobre riquezas e ocupar-se de divertimentos frívolos. (SALES, 2017, p. 48).

São Francisco de Sales, enquanto participe do credo oficial, atesta que a Igreja Católica consiste na instituição responsável por mediar a salvação (SALES, 2017, p. 52-53). Assim, o teólogo não desconsidera a importância da Igreja Católica como fornecedora da salvação, sobretudo através dos sacramentos. Todavia, enuncia que se deve seguir “à risca os conselhos do Evangelho e as suas aspirações.” (SALES, 2017, p. 53), passagem que suscita a influência de Lutero no pensamento salesiano. Dessa forma, não devemos

pensar o protestantismo e o catolicismo como duas esferas sem tangibilidade, mas sim como doutrinas que se influenciam mutuamente.

Apesar de ser a criatura mais perfeita de Deus, o homem possui uma natureza decaída e corrompida pelos pecados. São Francisco de Sales continuamente evoca o cunho pecaminoso dos indivíduos, cujos pecados consistiriam em ingratidões para com os benefícios de Deus. Assim, “Ó Senhor, misericórdia para esta alma pecadora. Ó divino Coração de Jesus, fonte de compaixão e bondade, tende piedade desta alma miserável.” (SALES, 2017, p. 55). Além disso, o teólogo francês comunga do antagonismo agostiniano segundo o qual haveria uma bipolaridade entre mundo temporal e mundo espiritual, os quais representariam, respectivamente, Satã e Cristo.

Escolha

1. Ó mundo enganador, eu te aborreço a ti e a teus seguidores. Jamais me hão de enxergar debaixo do teu jugo; para sempre reconheço a tua insensatez e digo adeus a tuas vaidades. E a ti, satanás, espírito infernal, abominável rei do orgulho e da infelicidade, eu te renuncio para sempre, com todas as suas pompas fúteis, e detesto suas obras.

2. É para vós, doce e amantíssimo Jesus, Rei da bem-aventurança e da glória imortal, a quem hoje me volvo. Eu me lanço a vossos pés e os abraço com toda a minha alma, eu vos adoro de todo o meu coração, eu vos escolho para meu Rei e me submeto inteiramente a vossas santas leis. Tudo aquilo que eu tenho vos ofereço em sacrifício universal e irrevogável, que pretendo, mediante a vossa graça, manter toda a minha vida com uma fidelidade inviolável.

3. Ó Virgem Santíssima, permiti que vos escolha hoje por guia; ponho-me sob vossa proteção, devotando-vos um singular respeito e uma devoção toda especial.

Ó meu santo anjo, apresentai-me aos santos e às santas; não me abandoneis antes de me fazerdes entrar em vossa feliz companhia.

Só então, renovando e confirmando de dia em dia esta escolha, que agora faço, exclamarei eternamente, a exemplo vosso: Viva Jesus! Viva Jesus! (SALES, 2017, p. 73).

Assim que a tua devoção se for tornado conhecida no mundo, maledicências e adulações te causarão sérias dificuldades de praticá-la. Os libertinos tomarão a tua mudança por um artifício de hipocrisia e dirão que alguma desilusão sofrida no mundo te levou por pirraça a recorrer a Deus. Os teus amigos, por sua vez, se apressarão em te dar avisos que supõem ser caridosos e prudentes sobre a melancolia da devoção, sobre a parda do teu bom nome no mudo, sobre o estado de tua saúde, sobre o incômodo que causas aos outros, sobre a necessidade de viver no mundo conformando-se aos outros e, sobretudo, sobre os meios que temos para salvar-nos sem tantos mistérios. Filoteia, tudo isso são loucas e vãs palavras do mundo e, na verdade, essas pessoas não tem um cuidado verdadeiro de teus negócios e de tua saúde. ***Se vós fôsseis o mundo***, diz Nosso Senhor, ***amaria o mundo o que era seu; mas, como não sois do mundo, por isso ele vos aborrece.*** [...] Quem não vê o mundo é um juiz iníquo, favorável aos seus filhos, mas intransigente e severo para os filhos de Deus. (SALES, 2017, p. 289-290).

Nesta dicotomia entre vida mundana e vida devota, São Francisco de Sales aconselha a Filoteia que permaneça fiel ao céu, abdicando do mundo. O desprezo do mundo será uma consequência inevitável. Assim, “nós estamos crucificados para o mundo e o mundo deve ser crucificado para nós. Ele nos toma como loucos; consideremo-lo como um insensato.” (SALES, 2017, p. 291). Coragem e perseverança são as principais recomendações do teólogo para esse momento de escolha e rompimento com a vida mundana, o qual deve contar, também, com o combate das tentações.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste tópico conclusivo, convém suscitar uma síntese do conteúdo exposto precedentemente. De fato, o estudo do fenômeno religioso torna-se cada vez mais preeminente em uma conjuntura de crescente intolerância religiosa, na qual crenças são hierarquizadas e segregadas de acordo com os grupos dominantes. Estudar *Filoteia* consistiu em um desafio para nós, sobretudo em função da magnitude e complexidade do tema. Buscamos, em um primeiro momento, contextualizar a obra em seu íterim de reformas religiosas, trazendo à tona discussões acerca das reformas protestantes e da reforma católica. Posteriormente, evocamos uma análise de *Filoteia*, a qual se fundamentou na metodologia exposta pela História das Ideias da Escola de Cambridge. Nosso objetivo consistiu em conferir visibilidade ao tema, apontando as possibilidades que *Filoteia* tem à historiografia.

REFERÊNCIAS

BARRETT, Matthew. **Teologia da Reforma**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

BLOCH, Marc. **Os Reis Taumaturgos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

BRAY, Gerald. Teologia Medieval. In: BARRETT, Matthew. **Teologia da Reforma**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

FEBVRE, Lucien. **O problema da incredulidade no século XVI**: a religião de Rabelais. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LINDBERG, Carter. **História da Reforma**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2017.

SALES, São Francisco de. **Filoteia**, ou, Introdução à vida devota. Petrópolis: Vozes, 2017.

SHELLEY, Bruce L. **História do Cristianismo**. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2018.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Afro-brasileiro 12

Anarquismo 65, 66, 70, 71, 72, 75, 76, 77

Arte 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 42, 75

Autogestão 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77

C

Casamento 5, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89

Colonização 43, 49, 50, 84

Comunismo 111, 114, 116, 117, 118

Constituição 14, 17, 49, 50, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 117

Cultura 1, 10, 12, 14, 18, 21, 22, 24, 28, 30, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 70, 105

D

Direitos civis 110, 111, 113, 116, 117, 119

Ditadura militar 1, 104

Diversidade cultural 29, 30, 31, 34, 37, 39, 40, 41, 54, 62

E

Educação 21, 29, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 104, 105, 112, 117, 118, 121

Ensino 28, 29, 30, 31, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 42, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 78, 89, 101, 104, 105, 116, 117, 121

Escravidão 11, 43

Espaços 1, 13, 14, 17, 41, 56, 104, 112, 113, 117, 118

Expressão de gênero 2

F

Família 7, 8, 13, 23, 56, 62, 63, 67, 78, 79, 83, 100, 104, 105

G

Gênero 2, 5, 6, 9, 10, 11, 12, 17, 18, 41, 121

Governo 13, 21, 49, 70, 74, 76, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 109, 113, 117

Governo provisório 100, 102, 103

H

Heterogestão 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 75

História 1, 1, 7, 9, 10, 12, 17, 18, 21, 25, 27, 28, 29, 31, 33, 34, 35, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 49, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 63, 64, 76, 78, 79, 80, 83, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 99, 106, 107, 108, 110, 111, 119, 120

Humanidade 8, 35, 43

I

Idade média 78, 79, 80, 85, 87, 88, 89

Igreja 26, 45, 49, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 87, 88, 92, 93, 94, 97, 101, 104, 105

Imprensa 1, 2, 14, 108

Integração 21, 110, 111

Intolerância 49, 93, 99

L

Lugar 11, 12, 17, 26, 28, 33, 37, 44, 60, 70, 80, 83, 94, 105

M

Macarthismo 110, 111, 113, 114, 115, 118, 119

Micro história 1

Movimentos civis 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 119

Mulher 2, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 62, 79, 83, 85, 86, 87

Mulheres 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 31, 50, 54, 70, 81, 85

N

Normatização 78, 85, 89

P

Poder 1, 3, 13, 33, 45, 51, 68, 69, 70, 73, 76, 77, 79, 80, 82, 84, 86, 88, 89, 93, 101, 103, 104, 105, 106, 107, 114, 121

Política 1, 2, 5, 19, 20, 21, 22, 28, 48, 51, 66, 68, 74, 76, 80, 100, 103, 104, 105, 107, 108, 110, 112, 113, 114, 116, 117

Protagonismo 26, 53, 54, 63

R

Racismo 53, 54, 55, 56, 57, 59, 61, 63, 64, 99

Relações étnico-raciais 53, 54, 57

Religiões 13, 39, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52

Religiões afro-brasileiras 43, 44, 48, 49, 50, 51, 52

Representações sociais 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 40, 41, 42

República 21, 88, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108

S

Samba 10, 11, 12, 14, 16, 17, 18, 21, 25

Sociedade 1, 14, 15, 16, 21, 22, 26, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 35, 37, 39, 40, 41, 44, 45, 48, 50, 51, 55, 56, 59, 66, 67, 70, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 79, 80, 85, 86, 87, 88, 105, 111, 113, 116, 117, 118

Supremacia branca 110

T

Teoria queer 1, 8



Territórios 20, 83, 101, 116

Historia:

Espaços,
poder,
cultura e
sociedade

3



 www.arenaeditora.com.br
 contato@arenaeditora.com.br
 [@arenaeditora](https://www.instagram.com/arenaeditora)
 www.facebook.com/arenaeditora.com.br






Atena
Editora
Ano 2022

Historia:

Espaços,
poder,
cultura e
sociedade

3



 www.arenaeditora.com.br
 contato@arenaeditora.com.br
 @arenaeditora
 www.facebook.com/arenaeditora.com.br


Atena
Editora
Ano 2022